



O Cabrião, a crítica musical no semanário humorístico e satírico paulistano

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO

SUBÁREA: MUSICOLOGIA E ESTÉTICA

Alexandre José de Abreu
Unicamp - alexandreabreu20@hotmail.com

Resumo: Em 1866, *O Cabrião* surge como periódico humorístico combativo. Apesar de seu viés político, este acaba por apresentar colunas de comentários sobre a atividade musical em São Paulo, assim como fizeram outros periódicos deste momento. Suas edições, vistas em perspectiva, parecem demonstrar a importância da atividade musical mesmo ainda sobre um momento de grande agitação política. Pretendemos elaborar uma análise inicial de alguns destes comentários e verificar a importância destes para o consumo e recepção culturais da cidade.

Palavras-Chave: São Paulo. Cabrião. Século XIX.

In 1872, a musician alderman for Campinas

Abstract: In 1866, *O Cabrião* appears as a combative humorous periodical. Despite its political bias, this one ends up presenting columns of comments over the musical activity in São Paulo, as other periodicals of this moment have done. His editions, seen in perspective, seem to demonstrate the importance of musical activity even in a moment of great political turmoil. We intend to elaborate an initial analysis of some of these comments and verify the importance of these for the consumption and cultural reception of the city.

Keywords São Paulo. Cabrião. Nineteenth century.

A chegada da civilização

O período final do século XIX se caracterizou por expressivas transformações para a cidade de São Paulo. O capital oriundo da economia cafeeira se deslocaria paulatinamente para a cidade, dando ensejo ao desenvolvimento do comércio, cultura e consumo. A cidade ganharia a alcunha de ‘burgo de estudantes’ graças à presença da Faculdade de Direito (1827), fato que lhe garantiria certa efervescência cultural, o surgimento de uma elite intelectual e um ambiente cultural mais rico para a pacata cidade¹.

Acompanhando este processo uma grande quantidade de periódicos é criada, refletindo as preocupações políticas do momento aspiradas por esta mesma intelectualidade. Temas relativos aos direitos dos cidadãos (lembrando o estabelecimento da monarquia



constitucional, 1824), à Guerra do Paraguai (1864) e até mesmo temáticas republicanas e abolicionistas se apresentam em um momento de grande agitação política.

Do mesmo modo, um circuito cultural incipiente se desenvolve parecendo indicar o novo paradigma de consumo e convivência na cidade. A programação de teatros e clubes é apresentada nestes periódicos de maneira recorrente, críticas são levantadas louvando os bons espetáculos e apontando os problemas dos que não se enquadravam nos padrões esperados.

Sob esta perspectiva, quatro dos principais periódicos da cidade contavam colunas relativas à atividade musical da cidade: *Diário de São Paulo* (1865), *A Provincia de São Paulo* (1875), *O Commercio de São Paulo* (1893), *Correio Paulistano* (1854). Por meio das edições de *A Provincia de São Paulo* é possível verificar a importância da atividade musical e sua função para com as novas práticas sociais da modernidade. Quase quatro diferentes seções do jornal são dedicadas à música (*Lettras e Artes*, *A Opera Lyrica*, as *Ephemerides Musicaes* e os anúncios das temporadas), tendo uma delas perfil bastante aprofundado² e outra ainda fazendo a valoração dos eventos apresentados na cidade. Fica clara a existência de público capaz de absorver ao menos parte deste conhecimento e, ao mesmo tempo, a intenção didática da imprensa, de modo geral, na formação de audiência para formas específicas de consumo musical.



—Acudindo ao vosso chamado, eis-nos em S. Paulo. Somos as representantes da 'civilização, da sciencia, das artes, e das modas européas; esperamos que por vosso intermedio. seremos favoravelmente acalhidos pelo povo paulistano.
—Podeis entrar, posso affiançar-vos que o sereis. Ha aqui uma illustrada Academia; a mocidade ama as sciencias, e a população sabe dar apreço ás modas e á todos os artefactos de gosto.

Figura 1: A chegada da civilização.

Fonte: (AGOSTINI, CAMPOS e REIS, 2000, p.196).

A ausência de publicações musicais especializadas explica de alguma forma o interesse geral expresso em um número variado de publicações, com perfis largamente heterogêneos. Explicita, igualmente, uma rede grande de consumo e recepção musicais particular para a cidade no período.

Contudo, chama nossa atenção quando observamos a crítica musical apresentada em um periódico satírico de cunho político. Este é o caso de *O Cabrião*³, semanário que circulou na cidade entre 1866 e 1867 e que contava com caricaturas críticas a temas do momento (à guerra do Paraguai, Igreja, ao regime, entre outros).

Relação de periódicos com partes dedicadas à atividade musical da cidade

<p><i>A Academia de São Paulo</i> (1876) organizado pelos estudantes da faculdade de Direito da cidade</p> <p><i>A Actualidade</i> (1875)</p> <p><i>A Bohemia</i> (1896) quinzenário ilustrado e literário</p> <p><i>A Democracia</i> (1867)</p> <p><i>A Família</i> (1888)</p> <p><i>A Vida de Hoje</i> (1896)</p> <p><i>Auctoridade</i> (1896) ‘Orgam do Centro dos Estudantes Monarchistas de São Paulo’</p> <p><i>Almanach Histórico e Literário do Estado de São Paulo</i> (1896 e 1903)</p> <p><i>Almanach Paulista Illustrado</i> (1896)</p> <p><i>A Paulicéa</i> (1896).</p> <p><i>Diário de São Paulo</i> (1865)</p> <p><i>A Provincia de São Paulo</i> (1875)</p> <p><i>O Commercio de São Paulo</i> (1893)</p>	<p><i>Correio Paulistano</i> (1854)</p> <p><i>A Chrysalida: Jornal Scientifico Litteraria e Noticioso</i> (1868)</p> <p><i>A Consciencia Fiat Lux</i> (1876) que trazia crônicas sobre as temporadas artísticas da cidade</p> <p><i>A Constituinte</i> (1879)</p> <p><i>A Crença</i> (1873)</p> <p><i>A Lei</i> (1859 -1860)</p> <p><i>A Nação</i> (1890)</p> <p><i>Gl’Italiani in San Paolo</i> (1880)</p> <p><i>Ilustração Paulista</i> (1881)</p> <p><i>A Musica</i> (1896) quinzenário musical ilustrado</p> <p><i>Échos Theatraes</i> (1895) publicação do teatro São José que circulava todas as noites de espetáculos</p>
---	--

O periódico declarava ser sua principal missão lutar contra a apatia que reinava na cidade e pelas práticas de convívio civilizadas, de forte inspiração europeia, em diversas oportunidades se debruça sobre os concertos da cidade e sua recepção.

Em 28 de outubro de 1866, este comentava o concerto da noite do dia 21 daquele mês, no teatro São José. O grande solista da noite era o pianista Arthur Napoleão (1843 – 1925) que aparecia descrito desta forma: “Eis aqui um rapaz perigoso, capaz de fazer uma revolução, com o seu feiticeiro piano. Este inspirado artista deo o seu terceiro concerto em a noute de 21. O publico que gosta do que é bom, encheo o recinto do theatro e prodigalisou palmas, flôres e poesias ao heróe da festa. Só lá não foram os vinagres, que de musica, só amam o tinir do metal luzente” (AGOSTINI, CAMPOS, REIS, 2000, p. 35).

Além de celebrar as realizações musicais da cidade o periódico aproveitava também para reclamar dos maus costumes da audiência do teatro. Na mesma edição, o jornal reclama de ‘um engraçado sem graça, que não intende de realeja ou barimbáo, porque é bruto como uma pedra, começou a gritar por musica, atordôando os ouvidos dos expectadores, que logo repelliram este gracejo de máo gosto’. A nota segue lembrando que a orquestra não possuía contrata e podia abandonar o espetáculo caso lhe fosse exigido tocar para chamar os atores (AGOSTINI, CAMPOS, REIS, 2000, p. 38).

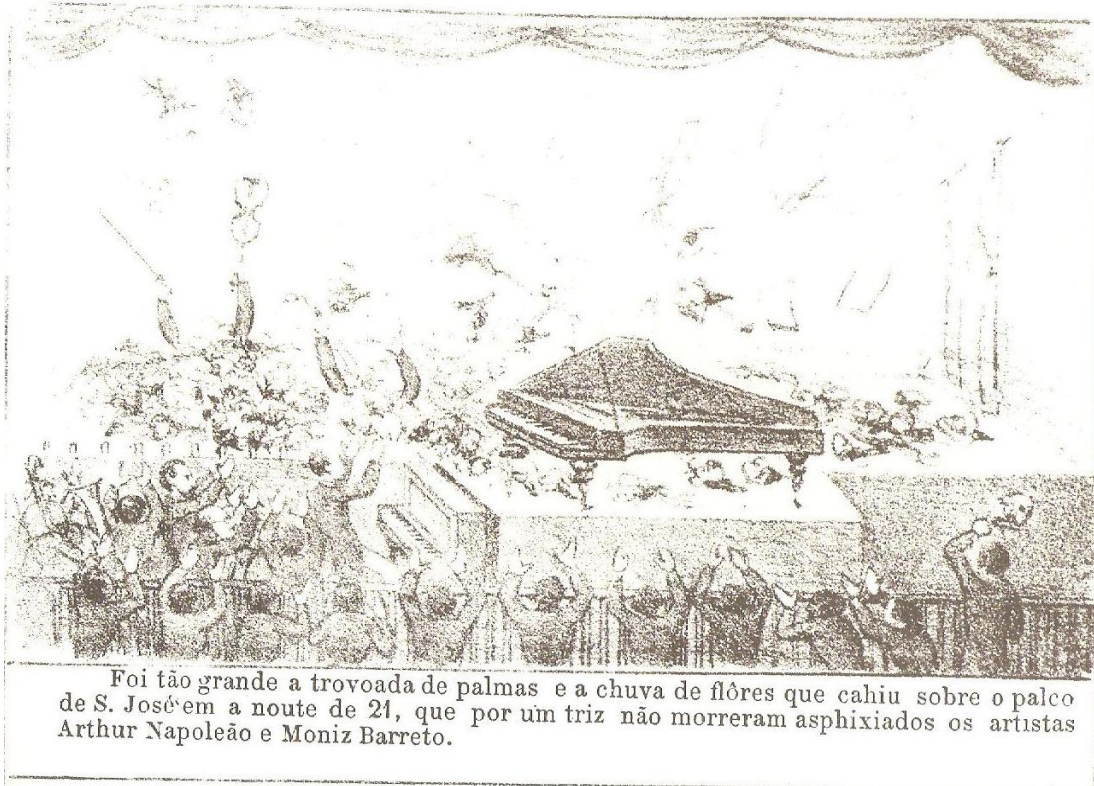


Figura 2: Concerto de Arthur Napoleão e Moniz Barreto.

Fonte: (AGOSTINI, CAMPOS e REIS, 2000, p.37).

Em outro momento, novas reclamações são levantadas. Em 05 de maio de 1867, mesmo celebrando largamente o espetáculo, no caso: os quadros vivos religiosos, organizados pela Companhia Keller, o jornal não poupa o público de críticas: ‘Pelo que temos presenciado, estamos na firme convicção de que a platéia do teatro de S. Paulo é composta de pessoas cujo comportamento nem podemos qualificar, por isso mesmo que lembramo-nos de que são educadas sob os auspícios da civilização christã!... á nossos olhos a platéia de S. Paulo, ao que parece, compõe-se unicamente de phariseus!’ (AGOSTINI, CAMPOS, REIS, 2000, p. 242).

Cabe lembrar que as críticas eram dirigidas apenas à audiência. Aos artistas eram dedicados entusiásticos agradecimentos, eram saudadas e aplaudidas ‘as incontestáveis qualidades artísticas do sr. Keller, alma directora da companhia dos quadros vivos’ e à ‘Mme. Keller, que ocupa um lugar eminente nomeio dos outros artistas, entre os quais há muitos dignos de menção, receba igualmente os justos encomios de que é merecedora e os sinceros protestos de nossa admiração’ (AGOSTINI, CAMPOS, REIS, 2000, p. 254).

Em 14 de julho de 1867, outro concerto celebrado: o do ‘amabilissimo artista Croner, embora a maré da concurrencia não fosse boa’, ao qual se seguiu o pianista Ricardo de Carvalho e ‘menino Mauro’, a nota completava: ‘Vê-se, que a época é de concertos e concertos. Vale-nos, entretanto, o Deus das harmonias, porque os artistas concertantes são verdadeiros artistas. Sabem o officio. Não são moedores de musica. Não são carcamanos de realejo’ (AGOSTINI, CAMPOS, REIS, 2000, p. 316).

Enquanto iniciativas eram celebradas outras eram questionadas com cortante ironia, como foi o caso das montagens dramáticas eternamente repetidas, ainda a edição de 14 de julho de 1867, o periódico ‘celebrava’ esforço da companhia dramática em “apresentar novos e variados espetáculos [...] São a companhia dramatica, seus empresarios e directores dignos do esforço que fazem pela ‘diversão’ que offerecem aos expectadores. Devem continuar em semelhante ‘variedade’ muito do agrado de todos, e contem com o paladar do publico, que aprecia, immenso, sempre o mesmo manjar, afim de não soffrer algum desarranjo de estomago” (AGOSTINI, CAMPOS, REIS, 2000, p. 313).

Em 18 de agosto, finalmente uma produção nova era encenada, fato que foi muito celebrado, as produções costumeiras seriam para o editor “como a ‘Graça de Deos’ que apesar de carne de vaca, ainda o publico tolera com angelica resignação’. Desta vez, contudo, as críticas recairiam sobre a orquestra:

Quanto á musica, esteve pessima; é o menos que se pode dizer. Os actores fizeram milagres cantando com o acompanhamento que lhes fazia a orchestra. É desenganar, sem estudo nada se consegue; é preciso queimar as pestanas para produzir-se alguma cousa – A musica não consiste em fazer barulho. É mister que a orchestra não continue a desapontar o publico. Tantas vezes vae o pote a fonte, que uma vez fica (AGOSTINI, CAMPOS, REIS, 2000, p. 355).

O periódico assume assim uma posição de comentador da vida cultural e musical da cidade, ajudando a estabelecer um norte crítico para o consumo. Sua ironia direta e crua desdenha das atrações que não correspondessem ao ideal cultural estabelecido, como podemos ver pelo anúncio da chegada de um circo de cavalinhos, espetáculo popular muito comum na cidade e que atraia grande concorrência:

Cavallinhos – Ha noticias vagas de proxima chegada a esta capital de uma companhia de cavallinhos ‘sui generis’. Alem de andarem, correrem, saltarem e relincharem como os outros animaes, tem alguns cavalos que cantão e danção, outros que leem e escrevem e muitos que recitão. Ha na companhia um jumento que traduz grego e falla o hebraico, outros que arremedão deputados e ministros. Consta que se prepara uma ovação a estes animaes e diz-se que o asno terá de ser coroado em plem palco. Ignorra-se se esta distincção será tributada ao talentoso animal pelos seus collegas quadrupedes ou por alguma engrata comissão bipede. O que fôr será e desde já promete-se dar conta minuciosa dessa festa jumenticia (AGOSTINI, CAMPOS, REIS, 2000, p. 363).

A distância no tempo dificulta a interpretação do trecho. O que o narrador do periódico quis dizer com ‘uma companhia de cavallinhos sui generis’? Algum pretencioso grupo de intelectuais ou políticos que chegariam a cidade? Ou fala-se de fato de um circo e de sua futilidade frente a outras formas de entretenimento? Entretanto, o que as críticas musicais contidas nas páginas de *O Cabrião* parecem deixar entrever é a centralidade da vida cultural para a sociedade paulistana do período. Especialmente num momento cercado por questões dramáticas como a guerra e o regime escravo. É possível observar que mesmo neste ambiente um consumo musical embasado aparece com destaque em um periódico político e com perfil combativo, ladeando questões tópicas para o país. O consumo musical aparece aqui como parte dos modelos desejados para a sociedade, um espelho para si mesma.

Referências

AGOSTINI, Ângelo, CAMPOS, Américo de e REIS, Antônio Manoel dos. *Cabrião: semanário humorístico editado por Ângelo Agostini, Américo de Campos e Antônio Manoel dos Reis: 1866 – 1867*. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

MOURA, Denise A. Soares de. *Sociedade Movediça: economia, cultura e relações sociais em São Paulo, 1808-1850*. São Paulo: Editora Unesp, 2005.

Provincia de São Paulo, 06/02/1875.

Provincia de São Paulo, 11/02/1875.

Provincia de São Paulo, 14/02/1875.

Provincia de São Paulo, 17/02/1875.

Provincia de São Paulo, 18/02/1875.

Provincia de São Paulo, 24/02/1875.



Provincia de São Paulo, 02/03/1875

Notas

¹ Há de se destacar que esta interpretação recebe críticas de estudos mais recentes que apresentam a cidade sob uma dinâmica particular nos anos iniciais do século XIX, uma rede complexa de comércio define a cidade como uma ‘sociedade movediça’ em constante movimento, diferente da interpretação de estagnação dada tradicionalmente (MOURA, 2005).

² A coluna *Ephemerides Musicaes* apresentava tópicos de história da música, apenas dentro da amostragem consultada pudemos ver temas como: a biografia de Felix Mendelssohn (Provincia de São Paulo, 06/02/1875), história do cantochão (Provincia de São Paulo, 11/02/1875), a biografia de Frédéric Chopin (Provincia de São Paulo, 14/02/1875), programa comentado da ópera Armide de Jean-Baptiste Lully (Provincia de São Paulo, 17/02/1875), a biografia de Giuseppe Tartini (Provincia de São Paulo, 18/02/1875), a biografia de Georg Friedrich Händel (Provincia de São Paulo, 24/02/1875), a biografia de Rossini (Provincia de São Paulo, 02/03/1875) entre outros.

³ O Cabrião era o personagem narrador que se apresentava como o ‘amolador de São Paulo, inspirado no romance ‘Mistérios de Paris’, de Eugene Sue, onde um de seus personagens tinha pavor de artistas por ter convivido com um artista impertinente.